

A *Oktoberfest* de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009¹

The *Oktoberfest* in Blumenau – a “German” festival? Folkloric dance groups and musical programming between Germany, Brazil and the historical-cultural imaginary of German-Brazilians, 1984-2009

La *Oktoberfest* de Blumenau – ¿una fiesta “alemana”? Grupos de danzas folclóricas y programación musical entre Alemania, Brasil y el imaginario cultural alemán-brasileño, 1984-2009

Leonie Herbers*

Resumo

Este artigo visa entender a *Oktoberfest* de Blumenau, grande evento turístico realizado desde 1984 no sul do Brasil com um olhar que vai além da comparação com a célebre festa ‘original’, realizada em Munique, na Alemanha. Por um lado, a festa blumenauense, devido a estratégias discursivas e a processos de re-localização, está inserida num contexto de significação regional. Por outro lado, está sujeita a variações constantes decorrentes de debates entre atores culturais, organizadores e frequentadores da festa, bem como de diversos processos de entrelaçamento e de atualização com a Alemanha. A partir da análise de artigos da imprensa regional publicados entre

1984 e 2009, o presente artigo enfoca diferentes manifestações culturais da festa: primeiro, a fundação e a evolução de grupos de danças folclóricas no contexto regional; a seguir, as negociações acerca da programação musical.

Palavras-chave: Imigração alemã. Festas étnicas. História cultural.

* Doutoranda em História Brasileira no Instituto de Estudos Latino-Americanos na Universidade Livre de Berlim (FU Berlin); mestre em Estudos Latino-americanos, História Contemporânea e Linguística Hispânica pela Universidade Livre de Berlim (2011).

Recebido em 31/07/2013 Aprovado em 28/08/2013
<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.14n.1.4173>

Introdução

Barris de chope, casais vestidos a caráter com trajes de camponeses alpinos dançando ao som do acordeão e de instrumentos de sopro; à mesa, canecos e pratos típicos, como Joelho de Porco ou Carré Defumado! Retrato de uma festa típica da Alemanha? Há tempos que a *Oktoberfest* não acontece somente em Munique, mas em aproximadamente dois mil lugares no mundo. Desde 1984, anualmente, no sul do Brasil, é organizada uma das maiores celebrações seguindo o modelo da capital bávara, afamada por ser “a maior festa alemã das Américas”.²

Blumenau, contudo, difere da maioria dos lugares onde há *Oktoberfeste*, pois, em meados do século XIX, a região foi colonizada por alemães. Tais imigrantes, baseados nas formas de expressão cultural, costumes e hábitos de suas regiões de origem, bem como influenciados pelas experiências na nova terra, inclusive no intercâmbio com outros grupos étnicos, formaram um complexo cultural teuto-brasileiro. Porém, a maior parte do grupo sucumbiu diante do programa do governo de Getúlio Vargas de 1937, que impunha a nacionalização de imigrantes estrangeiros. Desde os anos de 1970, a prefeitura de Blumenau reconhecia e promovia o potencial turístico da cidade devido à presença da imigração alemã na região, notado, principalmente na tradição musical, no associativismo, no estilo arquitetônico e nas singularidades culinárias. Nesse contexto, na década de 1980, teve-se a ideia de repetir o modelo de sucesso mundial da *Oktoberfest* de Munique (SEYFERTH, 2010, p. 743 et seq.).

Diante do histórico imigratório da região, pondera-se se, de fato, a *Oktoberfest* de Blumenau – conforme sugerido nas propagandas atuais e antigas³ – pode ser entendida como imitação da homônima realizada em Munique. Ou trata-se mais de um modelo formatado com novos conteúdos, significados e símbolos? O que acontece com uma festa que expressa determinada autoimagem dos foliões quando é celebrada por outros grupos, por outro motivo e em outro lugar?

Este trabalho parte da premissa de que processos de transmissões e apropriações culturais são complexos e transcorrem de maneira dinâmica. Por isso, não compara os diversos “ingredientes” da “receita”⁴ da *Oktoberfest* em Munique e Blumenau. Em vez disso, trata de desconstruir a ideia de “um prato feito”⁵ pronto para ser servido, e revela que, no caso da programação musical, os “ingredientes”, sempre passíveis de alterações, são muito debatidos entre diferentes atores culturais, organizadores e frequentadores da festa, e, no caso das danças folclóricas, essas resultam de longos processos de pesquisa, trocas culturais e apropriações locais.

A *Oktoberfest* de Blumenau é apresentada como uma “festa alemã” e sua fórmula é decomposta neste trabalho. A partir da formação, da evolução de grupos folclóricos e, de dinâmicas e debates acerca da programação musical, demonstra-se, por um lado, que a festa de Blumenau é mais que mera imitação da de Munique e, por outro, que essa movimentação se dá no campo de tensão entre a Alemanha, o Brasil e o histórico cultural teuto-brasileiro.

Em parte, a análise baseia-se em fontes da imprensa do fundo documental do Arquivo Histórico de Blumenau, em especial no diário mais importante da região, o *Journal de Santa Catarina* (JSC), e seu suplemento *Oktoberzeitung* (OZ), respaldados pelo periódico do círculo de língua alemã, *Brasil-Post*, do Instituto Martius Staden em São Paulo.⁶

A conjugação de pesquisa histórica de festividades com a imigração é um tema relativamente novo em estudos da história contemporânea no Brasil. O artigo de Méri Frotscher (2000) foi importante ponto de partida, pois reflete a nova formação de identidades no início da *Oktoberfest*. Roseli Zimmer (2002) e o grupo de historiadores de Maria Bernadete Ramos Flores analisaram o surgimento de diversos tipos de festas de “tradição alemã” em Santa Catarina desde os anos de 1980. Em 1997, Flores e seus colegas publicaram “Oktoberfest. Turismo, festa e cultura na estação do chopp”, que é, atualmente, a única monografia a abordar a festa de Blumenau e a sua fundação como parte dos imaginários da cidade criados nos anos de 1970 e, portanto, produto de valorização turística. A partir de entrevistas, são apurados, principalmente, interesses estratégicos dos fundadores da festa, tanto da iniciativa privada, como do setor público.

Dessa forma, aborda-se somente uma parte do significado da *Oktoberfest* que se relaciona à implementação e ao lado comercial da festa. Com essa festa, novos atores entraram em cena. A população de Blumenau participa não somente dos grupos culturais e de associações, mas também de diversas comissões que se ocupam da organização e do conteúdo da festa, estando permanente-

mente em contato com turistas de todo Brasil e com grupos convidados da Alemanha.

A seguir, analisa-se a maneira como a *Oktoberfest* é imaginada em diferentes momentos pelas autoridades municipais e pelos atores culturais, e como as referências à história da imigração local, assim como os processos de troca contemporâneos, afirmam ou contestam essa percepção. Examinando o período de 1984 a 2009, contribui-se para a extensão da historiografia existente sobre a *Oktoberfest*, até agora limitada às primeiras edições da festa nos anos de 1980 e 1990.

Grupos de danças folclóricas

A formação dos grupos folclóricos de Blumenau

Desde o início do evento, nos discursos⁷ oficiais de autoridades municipais envolvidas em sua organização, a *Oktoberfest* era representada como continuação quase natural da *Oktoberfest* de Munique⁸ e, a partir de 1988, das festas locais de Chope, Caça e Tiro⁹ que, como eventos fomentadores da comunidade, tiveram importante papel na vida social da colônia¹⁰ alemã.¹¹ No entanto, como é característico de “tradições inventadas”, que, por um lado, são “recentes” e “formalmente institucionalizadas” e, por outro, tentam “estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”, a criação de passados remotos está além de continuidades históricas reais (HOBBSA-WM, 1984, p. 9 e 15).

De certa maneira, esses discursos omitem os atores blumenauenses e seus interesses comerciais e de promoção do turismo a partir da implantação da *Oktoberfest*. Em

contrapartida, não questionam as rupturas, entre elas a campanha da nacionalização, responsável pelo desaparecimento de boa parte das manifestações culturais consideradas alemãs pela esfera pública até os anos 1970, quando a região passou a ser vista e comercializada como a “alemanha brasileira”, em função do interesse turístico.

Mediante essa estratégia, conferia-se não somente historicidade, mas também originalidade e autenticidade à nova festa. Um discurso semelhante revela-se em relação às apresentações de grupos de danças folclóricas, destaque na programação cultural da *Oktoberfest* de Blumenau. Mas, quanto elas realmente representam a continuação cultural, conforme indaga o secretário Nunes: “as danças demonstram as tradições herdadas?”¹²

Em Blumenau, o movimento folclórico começou em julho de 1984, dois meses antes da primeira *Oktoberfest*, com a fundação da *Blumenauer Volkstanzgruppe* – “Grupo de Dança Folclórica de Blumenau”. Embora no passado os bailes populares e as danças de moda da época fossem comuns na região, não haviam sido instituídos, pelos imigrantes, grupos de danças folclóricas, tampouco danças folclóricas haviam sido introduzidas ou anotadas (KIEFER, 2004, p. 3). Portanto, a fundação da *Blumenauer Volkstanzgruppe* não representa a continuidade vinculada à tradição local, mas uma “marca na história da cultura alemã do Vale do Itajaí” (BERNER, 2004, p. 4).

Porém, o passado recente do sul do Brasil revela que a *Blumenauer Volkstanzgruppe*, agregada ao Centro Cultural 25 de Julho, dá continuidade a processos que

há alguns anos estão em vigor. Em fins da década de 1960, instrutores e especialistas vindos da Alemanha introduziram as primeiras danças folclóricas na *Haus der Jugend* – Casa da Juventude em Gramado/RS –, fundada pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Dessa central no Rio Grande do Sul e mediante a rede de associações do 25 de Julho transmitir o conhecimento histórico das coreografias, trajes para novos multiplicadores e líderes de grupos de danças folclóricas, como a iniciação da *Blumenauer Volkstanzgruppe*, realizada por três representantes do Centro Cultural de Porto Alegre (KIEFER, 2004, p. 2-3).

A *Oktoberfest* incentivou e multiplicou trocas culturais com grupos vindos de vários estados brasileiros¹³ e da Alemanha, que enriqueceram seu repertório, sobretudo no início, quando havia poucos grupos folclóricos em Blumenau. Além disso, principalmente nos primeiros anos, o evento estimulou a criação de vários outros grupos folclóricos, em geral vinculados a clubes de caça e tiro, escolas, mas também a universidades, paróquias e demais instituições sociais (PETRY, 2004, p. 9).

Portanto, o surgimento e a introdução das danças folclóricas em Blumenau vinculavam-se, direta ou indiretamente, ao intercâmbio com a Alemanha. Mas, o movimento de dança folclórica também se relaciona à história regional, o que pode ser observado nos propósitos da fundação e em metas estabelecidas, principalmente, por aqueles grupos folclóricos vinculados a associações, cujas intenções eram “fazer com que a sociedade [...] voltasse às suas origens”,¹⁴ “reincantar a parte cultural do clube”¹⁵ ou “devolve[r] ao clube as suas tradições iniciais”.¹⁶

Essas declarações remetem à campanha de nacionalização, quando sociedades de caça e tiro foram fechadas para, posteriormente, serem reabertas como associações esportivas, perdendo antigas atividades culturais e parte de seus princípios fundadores.¹⁷ Nesse sentido, o movimento folclórico também está inserido no contexto de significação regional. Expresso de outro modo, embora os grupos folclóricos seguissem o repertório e as coreografias da Alemanha mediante a Casa da Juventude ou trocas culturais no contexto da *Oktoberfest*, em geral o faziam por motivos decorrentes da história regional, ao menos em caso de grupos vinculados a associações.

Da referência alemã à regional

Considerando que as danças folclóricas alemãs estão relacionadas a determinadas regiões, os grupos de Blumenau, em algum momento, seriam naturalmente expostos ao questionamento sobre qual seria a sua região de origem, e a resposta não se referia somente ao material musical e coreográfico, mas, principalmente, ao emprego de trajes típicos. Em geral, no início, realizavam danças aleatórias de épocas e regiões diferentes, usavam trajes variados e orientavam-se pelo mundo dos filmes e do entretenimento, ou seja, contemplavam o senso comum e a simpatia que os brasileiros tinham acerca de trajes alemães (BERNER, 2004, p. 8; ZIEL, 2004, p. 8). Somente na década de 1990 os grupos sentiram necessidade de representar uma determinada região com trajes “autênticos”.¹⁸ A crescente pretensão à autenticidade lembra o surgimento das

danças folclóricas na Alemanha por volta de 1900, quando o movimento da juventude queria preservar danças e trajes presumidamente originais (WEINERT, 2007, p. 105). No entanto, os grupos de Blumenau não buscavam essa autenticidade somente no passado, como também em outro lugar, na Alemanha, em sua *Ur-Heimat*, ou seja, na pátria de origem dos antepassados comuns (RAMBO, 1994, p. 48).

Como os primeiros imigrantes de Blumenau procediam de diversas regiões alemãs (WAHLE, 1950, p.130-131), era difícil utilizar o critério da “origem comum” para escolher uma região a ser representada. Ao invés disso, alguns grupos destacaram personalidades relevantes para a história individual ou coletiva, conferindo uma relação com sua região de origem. A *Blumenauer Volkstanzgruppe* homenageou com trajes da Baixa Francônia, praticamente inventados com base em pesquisa de arquivo, uma família originária dessa região com grande significado para a formação e o desenvolvimento do 25 de Julho de Blumenau (BERNER, 2004, p. 8). Fundado em 1987, o Grupo Folclórico Teutônia usa réplicas dos trajes festivos dos primórdios do século XIX, do antigo Ducado de Brunswick, pois correspondem à época e ao local de nascimento do fundador da cidade, Hermann Blumenau.¹⁹ O *Grünes Tal* representa Meissen/Dresden, da Saxônia, como homenagem ao engenheiro Paul Werner, que lá nasceu e era chefe e amigo do líder do grupo.²⁰

Os três exemplos evidenciam que a localização geográfica inserida desde 1990, além de representar um mosaico da Alemanha, também constitui uma relação com o

contexto regional. Esses processos de relocação também são perceptíveis em outros planos. Não somente o nome escolhido pelos membros da *Blumenauer Volkstanzgruppe* relaciona-se com o seu meio, mas também alguns grupos são denominados de acordo com a instituição a qual pertencem. O grupo folclórico *Grüne Berge* (montanhas verdes) reflete a paisagem da região,²¹ já o grupo *Frohsinn* lembra o primeiro teatro fundado em Blumenau.²²

Por conseguinte, as danças folclóricas de Blumenau constituídas com a primeira *Oktoberfest*, inspiradas diretamente na Alemanha, e indiretamente via Casa da Juventude em Gramado, com a pretensão de serem genuínas, podem ser interpretadas “como um visual de um outro tempo, de um outro lugar” (KIEFER, 2004, p. 3). No entanto, elas situam-se em dois patamares na relação com a história regional e contemporânea. Por um lado, no significado do trabalho de grupos vinculados a associações como reação à campanha de nacionalização. E, por outro, mediante mecanismos e estratégias na escolha de região ou época representativa, ou do nome da cidade, do grupo ou de seus participantes individuais, conforme a história da imigração alemã em geral.

Programação musical

Bandas da Alemanha com repertório brasileiro

A afirmação de que a *Oktoberfest*, sem as bandas e a sua música, é impensável, pois “sem elas não há festa [...]. Sem elas não há tradição. Sem elas não há alegria” (FERRARI, 1998, p. 108), ganha caráter patético e re-

provável. Para justificar tal registro, amparamo-nos, a título de exemplo, nos grupos folclóricos, uma vez que as bandas são relacionadas com tradição, mas a que tradição se faz referência? A seguir, expõe-se o histórico das bandas e seu repertório na *Oktoberfest* de Blumenau, para, então, analisar, como a programação musical é imaginada e, em diferentes momentos da festa, até mesmo contestada.

Terminada a campanha de nacionalização, as antigas bandas refizeram-se, partindo de uma longa tradição musical regional. Com o lançamento da *Oktoberfest*, aumentaram as oportunidades de apresentarem-se em público, o que fomentou a formação de novas bandinhas locais (MAILER, 2004, p. 11). Mesmo assim, a partir da 2ª *Oktoberfest*, a Comissão de Bandas convidou algumas bandas da Alemanha, que, devido à sua origem, e pelo fato de elas tocarem na *Oktoberfest* de Munique, desde o início apresentada como a “base principal”²³ do evento blumenauense, deveriam conferir mais originalidade à festa daqui.²⁴

Com as primeiras apresentações das bandas alemãs na festa de Blumenau, as quais suscitaram grande entusiasmo, estabeleceu-se um processo de troca influenciando as bandas regionais. Ao final dos anos de 1980, Helmuth Högl, estrela da *Oktoberfest* de Blumenau e músico oficial da Festa de Munique, alegou – partindo da própria cultura musical como parâmetro – que as bandas típicas de Blumenau tocavam música alemã de duzentos anos atrás.²⁵

Por conseguinte, essas importaram material sonoro, assim como partituras e “incrementa[ra]m o seu repertório com rit-

mos mais modernos”.²⁶ Graças ao intercâmbio e ao acesso a instrumentos de qualidade superior importados da Europa (FERRARI, 1998, p. 144), as bandas regionais passaram a ser mais profissionais tanto em relação à qualidade musical como à apresentação do show: “Com a vinda das bandas alemãs, passaram a trocar experiência, repertório e também se desinibiram”.²⁷

Ao contrário do que se esperava, o repertório de muitas bandas alemãs não se restringia somente à música popular de sopro ou a canções alemãs de cervejarias, mas abarcava estilos diversos, tais como jazz, rock, pop, blues, baladas e músicas folclóricas de vários países, conforme notado em incontáveis artigos jornalísticos. Esses estilos passaram, então, ao final da década de 1980, a integrar o repertório das bandas regionais.²⁸

Um lugar especial ocupava a banda de Högl, uma das primeiras alemãs na *Oktoberfest* blumenauense, justamente por contemplar música brasileira em seu repertório internacional. Além de canções conhecidas como “Atirei o pau no gato” ou “País Tropical”, Helmuth Högl, apoiado por sua esposa brasileira e também colega de banda, introduziu ao repertório sambas e ritmos nordestinos, como o Xaxado.²⁹ Seguindo seu exemplo, algumas bandinhas regionais assumiram o estilo eclético, com boa dose de música brasileira.³⁰

Por conseguinte, a expansão de um repertório inicialmente “típico” e “alemão” para internacional e até brasileiro foi provocada justamente por uma banda da Alemanha e pelo intercâmbio com ela. A partir de 1988, a canção “Ilariê”, da Xuxa, foi tocada à exaustão por músicos alemães e brasileiros,

tornando-se uma canção brasileira o *hit* da “festa alemã”, o que desencadeou grande discussão em torno do repertório das bandas regionais e da Alemanha, perpassando toda a *Oktoberfest* de Blumenau.³¹

Lidando com música “não alemã” – o retorno à origem

No debate a respeito do repertório, pode-se analisar duas linhas de argumentação. Em uma delas, os organizadores da festa, assim como personalidades da vida cultural e da imprensa teuto-brasileiras, defendiam que samba, rock e lambada estariam “longe da fundamental essência da festa”, pois a *Oktoberfest* seria “uma festa de marcante tradição germânica, não africana, não portuguesa, não americana, não carioca...”.³² Shows nacionais³³ e “a presença de ritmos de outras regiões” iriam “descaracteriza[r] a Oktober”,³⁴ ou seja, “degenerar” e, melhor dizendo, “abrasileirar”³⁵ a festa.

O ponto central da argumentação está em caracterizar a festa como “alemã” em sua essência e, nisso, música “alemã” e “não alemã” são descritas a partir de critérios emocionais como: “Oktoberfest significou um grito de alegria, tão qual é o fluído da música alemã, uma música alegre [...] que eleva o ser humano a se congregar, a se divertir em solidariedade [...] sem exageros de outros aspectos ressuscitados [...] por outros ritmos que não este germânico”.³⁶

O mencionado “grito de alegria”, associado à música alemã “alegre” e à “solidariedade”, remete a um discurso veementemente poderoso, lançado pelas autoridades municipais nos primeiros anos da festa e que

inserir a *Oktoberfest* no contexto contemporâneo e regional das enchentes de Blumenau de 1983 e 1984. Nesse discurso, a *Oktoberfest* é tida como uma “nova etapa” para esquecer o “drama das cheias”, assim como para levantar “novas forças” na “luta pela recuperação”.³⁷ O antes e o depois são apresentados como opostos de “catástrofe” versus “grande festa”,³⁸ ou “tristes cenas do martírio das águas” versus “a alegria de vencer”.³⁹

Essa apresentação, que eleva a enchente de 1984 ao “mito fundador” da festa, servia não apenas para fomentar a solidariedade e a reconstrução da cidade mediante a romântica referência ao espírito pioneiro dos primeiros imigrantes, e, após todas as notícias ruins, criar uma imagem positiva sobre Blumenau a ser veiculada, mas também para conferir aos blumenauenses o sentimento de que a *Oktoberfest* era um evento “seu”, pois os organizadores conheciam o significado do envolvimento da população para o sucesso dessa festividade turística, baseada na cultura “alemã” (FROTSCHER, 2000, p. 88, p. 188 et seq.; p. 199; FLORES et al., 1997, p. 107-108).

Portanto, na disputa sobre o repertório, o ponto de referência, ou seja, o argumento da necessária música alemã não é a Alemanha, mas a festa de Blumenau na sua primeira versão, contrária à orientação turística representada como evento dos blumenauenses, e nostalgicamente desejada de volta.⁴⁰ Na mesma linha, os “exageros” acima mencionados remetem às críticas veementes na transformação “carnavalesca” da festa, conforme debatido desde 1986. Conforme citado em muitos outros artigos, músicas “não alemãs” e “não típicas, por um lado, e “exageros” de todo tipo como “orgias

e bebedeiras sem fim”,⁴¹ por outro, representam os dois lados da mesma moeda.

A carnavalesca contida no discurso e atribuída à festa expressa alterações rasantes dos primórdios da festa, que, em 1984, fora realizada em círculo restrito e, a partir de 1985, deixava de ser uma atração local para virar nacional e até mesmo internacional. Anualmente, o público aumentava de tal modo que, em 1988, chegou ao marco de um milhão de pessoas. Tanto o aumento disparado de consumo de chope como a erotização dos produtos à venda refletiram a crescente comercialização da *Oktoberfest* e sua ampla presença na mídia (Cfe. FLORES et al., 1997).

Concomitantemente, aumentavam as reclamações dos habitantes sobre o comportamento irreverente e violento dos novos visitantes, em sua maioria jovens vindos de São Paulo e do Rio de Janeiro.⁴² A mídia local e teuto-brasileira denuncia não só paulistanos armados, motoristas de ônibus ensandecidos, assim como a ocorrência de danças indecorosas.⁴³ A inversão dos valores, inerente à *praxe* carnavalesca, materializa-se, nesse contexto, em uma *Oktoberfest* que não se harmoniza mais com a expectativa dos blumenauenses.⁴⁴

Porém, “carnaval” não está relacionado somente à crescente descontração do ambiente⁴⁵ e à nova dimensão⁴⁶ da *Oktoberfest*. Mas, devido ao fato de tal tradição não estar presente em Blumenau e ser entendida como uma festa brasileira por excelência (SASSE, 1987, p. 45-46), simboliza também o estranhamento e a “brasilianização” da antiga festa regional e “autenticamente alemã”: “Uma festa alemã com jeitinho brasileiro

que, ao fim de cada noite, ameaça transformar tudo num grande carnaval com samba, suor e chope!”.⁴⁷ O debate sobre a programação musical é inserido nessa diretriz discursiva sobre a carnavalização da *Oktoberfest*, que revela a tensão com o Brasil não germânico, ainda que as formas culturais entendidas como nacionais, tal como samba, sejam apresentadas como ameaça e oposição à festa tida como primordial e original.

O propagado retorno à origem pode ser inserido em um movimento mais geral do resgate da língua e da cultura com repercussão tanto dentro, como fora da festa. Porém, o empenho pelo resgate não somente marca a diferença étnica dos teuto-brasileiros como outrora (FERREIRA, 2000, p. 78), mas é ampliado por outro argumento, resultado da comercialização turística do “produto” *Oktoberfest* como “festa alemã”. Caso a língua e a cultura alemãs não fossem mantidas na festa, também não viriam mais turistas⁴⁸ querendo ouvir algo diferente do que já conhecem, como “os ritmos que tocam todos os dias no rádio”.⁴⁹

Seguindo o mesmo padrão, especialistas também ressaltam a exclusividade de Blumenau no “mosaico da cultura brasileira.” Assim como o carnaval do Rio de Janeiro expressa a beleza da cultura afro-brasileira, ou como a Festa do Sol na Paraíba expressa a força do sertanejo do nordeste, a *Oktoberfest* mostra a cultura alemã no Brasil e, dessa forma, “um Brasil diferente”. Aqui, apela-se para o pluralismo cultural em oposição à fusão de diversas influências culturais defendida pelos nativistas do início do século passado. Enquanto o autor concede diferenças entre a festa de Blumenau e a de Munique

como resultado de processos de trocas culturais que deveriam ser protegidas, ele recusa processos de influências ou mudanças atuais mediante “elementos de outras culturas” como samba ou rock ‘n’ roll.⁵⁰

Portanto, a questão da música também esclarece o lugar da *Oktoberfest* no contexto brasileiro, pois ela tanto é vista como contrapartida para o Brasil não germânico e seus estilos musicais, quanto como mais uma pastilha única do mosaico cultural do Brasil. Como tal, no debate sobre a música, pode-se ler a “reconstrução discursiva da nação como uma comunidade plural e multicultural que deve valorizar (novamente) diferenças étnicas e culturais” (COSTA, 2010, p. 170⁵¹) que ocorre desde os anos 1970.

“Alegria não tem idioma”

Igual a esse grupo, que defende a música alemã na festa, o outro lado também argumenta tanto a partir de uma postura prática como também de princípios. Segundo o lema “deve-se tocar o que o povo gosta”,⁵² músicos, representantes do meio comercial e também visitantes individuais convergem para um programa musical misto, pois: “alegria não tem idioma”.⁵³ Enquanto a essência “alemã” e a alegria da festa na sua primeira edição era a referência do primeiro grupo voltado, portanto, para o passado, os representantes do segundo grupo olham para o presente: “Hoje, a *Oktoberfest* é internacional e, conseqüentemente a música deve acompanhar”.⁵⁴

A visão e o emprego do conceito “alegria” reforça a especificidade das “formas externas” do evento, ou seja, uma festa

animada com alegria, em que o “plano do significado”⁵⁵ dele como evento regional de reconstrução de uma comunidade alemã e manifestação alegre e solidária contra a tristeza causada pelo drama das enchentes. Como diversos atores da festa concebem determinadas prioridades de várias maneiras, elas têm de ser negociadas a toda hora. Isso vale ainda mais para eventos turísticos, diferente de festas convencionais, já que os seus participantes não marcam mais a fronteira de uma comunidade ou de um grupo (MAURER, 2004, p. 45). Assim, em 1989, após uma discussão sobre o repertório de seu show, Helmuth Högl alegou que estava aqui para tocar para o público e não para o secretário de turismo, Manfred Bubeck,⁵⁶ que lhe pedira para não tocar “um carnaval seguido de 20 minutos”,⁵⁷ quer dizer 20 minutos de música entendida como “não alemã” ou “não tradicional”. No final das contas, a briga pelo repertório gira em torno da questão de quem organiza e de quem decide a natureza da festa: a comissão organizadora, o público ou os músicos?

A partir de 1989, a prefeitura respondeu com a determinação de uma cota contratual para que bandas regionais e alemãs se comprometessem a tocar um percentual mínimo, que varia entre 70% a 90% de música caracterizada como “tradicional”, “alemã” ou “tipicamente regional”.⁵⁸ Nisso não é definido o que se entende sob o tipo de música desejado. No ano seguinte, Helmuth Högl aproveitou-se da inexistência do regulamento e, em reação à polêmica de mais música “alemã” no repertório, traduziu canções como *Ilariê* ou *Atirei o pau no gato* para o alemão.⁵⁹

Portanto, havia um limite normativo ao repertório dos grupos, relacionados a contextos musicais alemães, brasileiros e também internacionais, que, em razão disso, mantiveram-se fora da *Oktoberfest*: “Nós tocamos de tudo durante o ano, mas aqui dentro fazemos questão de ser 100% alemão”.⁶⁰ Pelo visto, a *Oktoberfest* não retrata a música regional como ela é, mas como ela uma vez foi e como deverá ser no futuro.

Além da cota mínima, o debate sobre a música “não alemã” resultou em reações e decisões contra excessos supostamente desencadeados por ela, como a criação de pavilhões especiais na festa⁶¹ e o evento *Skol Rock*, espaços destinados aos apreciadores de som de rock ou eletrônico que, segundo os organizadores, poderiam perturbar a ordem. Dessa maneira, a música e os frequentadores, os quais poderiam prejudicar a natureza de uma festa “alemã” e “tradicional” foram transferidos para espaços extras, mas concomitantes à *Oktoberfest*.

A introdução da música eletrônica

Assim, desde o início, os organizadores da festa estavam diante da exigência de, por um lado, não afetar a característica “alemã” como marca única da festa, mas, por outro, de oferecer um programa atualizado.⁶² A música eletrônica introduzida na *Oktoberfest* de 2006 devia atender a ambos, pois seria apresentada não somente como moderna, mas também como “alemã”, já que parte dos DJs vinham direto de Berlim ou de Munique.⁶³

No entanto, para alguns dos participantes, isso era uma discrepância, pois a

música não entrava em consonância com o conceito de uma “festa tradicional”. Na opinião deles, ou somente deveriam valer as *Zicke Zacke*, ou seja, as canções cultivadas em encontros acolhedores como “tradicional música alemã”, ou, então, se deveria permitir logo todos os tipos de música.⁶⁴ Outros participantes eram favoráveis à presença da música eletrônica, pois embora se devesse manter as tradições, também dever-se-ia atualizá-las. “Os alemães que chegaram aqui eram do tempo do *Zicke Zacke*. Mas o mundo hoje é do tempo do *tunt-tunt*, tendo como maestro a cidade de Berlim”.⁶⁵

Essa argumentação remete a Berlim como centro do *tunt-tunt*, descrição onomatopéica da música eletrônica e, ao mesmo tempo, como capital da Alemanha. Logo, o debate da música foi transposto do polo “alemão” *versus* o polo “brasileiro” ou (inter) nacional para o polo “alemão tradicional” *versus* o “alemão moderno”. Desse modo, a referência da cultura e história regional da imigração é contraposta à Alemanha de hoje.

Porém, a música eletrônica desenvolvia-se no intercâmbio entre os produtores e os DJs internacionais, portanto, em um contexto globalizante. Por isso, esse tipo de música não se enquadra na categoria nacional. Caso os DJs não sejam da Alemanha, surge o problema dos organizadores não poderem promovê-la como “música alemã.” Assim, a música eletrônica não serve para o propósito da festa, conforme alude Dieter Berner: “os DJs brasileiros podem ficar fora, mas que os DJs alemães venham para cá e as pessoas percebam ‘Ah, isto também é, também vem da Alemanha’ [...], e saibam que não há somente música de sopro ou dos avós, mas

também algo moderno”.⁶⁶ Em outras palavras, a orientação contemporânea das contribuições musicais somente é possível se o caráter “alemão” da festa for mantido, ou, ao menos, não seja prejudicado.

Conclusão

A *Oktoberfest* de Blumenau vai além da mera imitação da festa de Munique, conforme demonstrado em dinâmicas discursivas, debates e apropriações. Por um lado, a festa “alemã” está bem impregnada de significados locais, por outro, está sujeita a variações constantes decorrentes de diversos processos de entrelaçamento e de atualização. Diversas coordenadas surgem com forte presença em fases e campos determinados. A pergunta do título “A *Oktoberfest* de Blumenau - uma festa ‘alemã?’” dificilmente pode ser respondida com um simples sim ou não, pois depende não apenas do que se entende por “alemão”, mas também do momento em questão e dos respectivos aspectos da cultura festiva. Para uma resposta diferenciada, neste trabalho, teceram-se algumas considerações.

Como uma festa costuma expor a autoimagem dos participantes, dessa análise resultam algumas indicações da forma como os atores da festa de Blumenau viam-se e quais eram os olhares lançados sobre a Alemanha e o Brasil. Fundamental para a autoimagem é a referência ao imaginário teuto-brasileiro no qual Blumenau, também por razões turísticas, constitui uma parte específica. Nesse período, a Alemanha provavelmente era ponto de orientação mais significativo do que antes de 1984. No entanto, a imagem de *Deutschland* (Alemanha) não decorre somen-

te de lembranças coletivas, pois a *Oktoberfest* desembocou em crescente interesse no país e na tentativa de conectá-la com a Alemanha de hoje. A tentativa de atualização não aconteceu sem conflitos, como percebido nos debates em torno de música e DJs.

Por outro lado, entendem-se como parte do mosaico cultural brasileiro e, assim, servem de exemplo para a reconstrução de uma nação étnica e culturalmente plural novamente postulada desde a década de 1970.

Abstract

The following article aims at understanding Blumenau's *Oktoberfest*, a tourism-oriented celebration held since 1984 in southern Brazil, beyond simple comparisons with the famous 'original' in Munich, Germany. On one hand, the Brazilian version is inserted in a web of local significance, due to discursive strategies and processes of re-localization. On the other, it is subject to permanent processes of transformation, informed by debates between festival actors, organizers and visitors, as well as by cultural exchanges with Germany. Using articles published in the regional press between 1984 and 2009, the analysis focuses on two components of cultural expressions in particular. The first are the foundation and evolution of folkloric dance groups in the regional context. The second the negotiations about the musical programming.

Keywords: German immigration. Ethnic festivals. Cultural History.

Resumen

El siguiente artículo tiene como objetivo entender la *Oktoberfest* de Blumenau, festejada con propósitos turísticos desde 1984 en el Sur de Brasil, profundizando en aspectos que van más allá de la comparación con la célebre fiesta 'original' celebrada en Munich, Alemania. Por un lado, debido a estrategias discursivas y procesos de re-localización, la fiesta de Blumenau está inserta en un contexto de significación regional. Por otro lado, ella está sujeta a procesos permanentes de transformación, provocados tanto por los debates entre diversos actores, como por los intercambios culturales con artistas invitados desde Alemania. Mediante el análisis de artículos de la prensa regional entre 1984 y 2009, se develarán diferentes manifestaciones culturales de la fiesta: la fundación y evolución de grupos de danzas folclóricas en el contexto regional y las negociaciones sobre la programación musical.

Palabras clave: Inmigración alemana. Fiestas étnicas. Historia cultural.

Notas

- ¹ Este artigo baseia-se na segunda parte do trabalho final de Magister Artium (correspondente ao Mestrado), orientado pela professora Ligia Chiappini e pelo professor Stefan Rinke, entregue em fevereiro de 2011 na Universidade Livre de Berlim no curso "Estudos Latino-americanos." Traduzido pela Dra. Sylvia Ewel Lenz da Universidade Estadual de Londrina.
- ² Disponível em <http://www.oktoberfestblumenau.com.br>; acesso em 30/07/2013>.
- ³ "Alegria em Cartaz", *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 09/10/2008.
- ⁴ Programação da Oktoberfest de 2009.
- ⁵ Entrevista com Manfredo Bubeck. In: FLORES, et al, 1997, p. 55.

- ⁶ Sou grata a ambos os JORNAIS OU AO ARQUIVO.
- ⁷ A análise do discurso, baseada nos estudos de Michel Foucault, visa demonstrar como determinadas formas da realidade são construídas no processo histórico por meio da linguagem (LANDWEHR, 2009, p. 98 e s.).
- ⁸ Entre inúmeras fontes por exemplo em: “Oktoberfest 85. Blumenau abre sua festa maior contando com 300 mil visitantes”, *O Estado*, 04/10/1985, p. 17.
- ⁹ Entre inúmeras outras fontes por exemplo em: “Uma festa revivendo a tradição”, *Diário Catarinense*, Suplemento Especial, 07/10/1988.
- ¹⁰ Sobre o conceito “colônia” conferir SEYFERTH, 2010, p. 747 e SEYFERTH, 2007, p. 274.
- ¹¹ Sobre a história dos Clubes de Caça e Tiro em Blumenau conferir PETRY, 1982.
- ¹² “Entrevista com o secretário Nunes”, Presença. Publicação do Grupo Presença Promoções e Editora Ltda, 1986, p. 42.
- ¹³ “Grupos folclóricos definidos”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 23/09/1988.
- ¹⁴ “Grupo Folclórico Teutônia se apresenta hoje na Proeb”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 09/10/1988.
- ¹⁵ “Grupos folclóricos são atração”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 11/10/1988.
- ¹⁶ “Grupos folclóricos dançam na Proeb”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 07/10/1989.
- ¹⁷ “Grupo Folclórico Teutônia se apresenta hoje na Proeb”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 09/10/1988.
- ¹⁸ Entre inúmeras outras fontes por exemplo em “Teutônia mostra tradição genuína”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 25/10/1992.
- ¹⁹ “Grupo Folclórico Teutônia”, *Revista do 4º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau*, nr. 2, p. 15.
- ²⁰ Disponível em <http://grunestal.blogspot.com.br/p/historico.html> e <http://www.afgtanz.org.br/index.php>; acesso em 30/07/2013 e “Danças típicas abrem mais um dia de festa”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 13 e 14/10/1996.
- ²¹ “Grupo folclórico resgata danças alemãs autênticas”, *Diário Catarinense*, 26/10/1991.
- ²² Prestação de contas. Decoração e Pavilhão Fritz Müller. 15ª Oktoberfest.
- ²³ Entrevista com o Secretário Nunes. Presença. Publicação do Grupo Presença Promoções e Editora Ltda, 1986, p. 42.
- ²⁴ “Prefeitura já pensa no futuro”, *Diário Catarinense*, Diário Especial, 04/10/1991.
- ²⁵ “Frida mexe a cadeira, huh!”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 19/10/2000.
- ²⁶ “Clima da Oktoberfest toma conta da cidade”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 09/10/1988.
- ²⁷ “Seleção de importadas”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 09/10/2008.
- ²⁸ “Banda Cavalinho empolga em Blumenau”, *O Estado*, 14/10/1987.
- ²⁹ “Helmuth Högl vai embalar a última semana da festa”, *Diário Catarinense*, Suplemento Especial, 11/10/1987.
- ³⁰ “Bandas e bandinhas invadem Blumenau”, *Já, Oktoberfest*. Ano 3, nr. 20, outubro de 1988; “Högl Band. o talento que vem da Bavária”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 12/10/1988.
- ³¹ “Crescimento assusta organização”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 01/09/1993.
- ³² Ambas citações de Robert Diniz Saut: “Oktoberfest: no limite da decisão?”, *Jornal de Santa Catarina*, 31/07/1991.
- ³³ “Oktoberfest: Warum die Besucherzahlen zurückgehen”, *Brasil-Post*, 24/08/2001.
- ³⁴ Ambas citações de “Música alemã será regra nos pavilhões”, *Jornal de Santa Catarina*, 09 e 10/06/2001.
- ³⁵ Ambas citações de Mario Bonatti: “Manutenção da cultura alemã é indispensável”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 13/10/1993.
- ³⁶ Robert Diniz Saut: “Oktoberfest: no limite da decisão?”, *Jornal de Santa Catarina*, 31/07/1991.
- ³⁷ Todas as citações: “Para grandes males, grandes festas: Oktoberfest repercurte”, *Jornal de Santa Catarina*, 10/10/1984.
- ³⁸ “Oktoberfest deve atrair 100 mil neste fim de semana”, *O Estado*, 12/10/1984.
- ³⁹ “Estas cenas não serão esquecidas jamais”, *O Estado*, Suplemento Especial Oktoberfest 86, outubro de 1986.
- ⁴⁰ “Música alemã coça o pé”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 25 e 26/10/1998.
- ⁴¹ Friederich Ideker: “Oktoberfest. Ainda, ou mais uma vez”, *Jornal de Santa Catarina*, 01/12/1990.
- ⁴² “Explosão demográfica na Oktoberfest”, *Jornal de Santa Catarina*, 24/09/2002.
- ⁴³ Harry Züge: “Nachklang zum Oktoberfest”, *Brasil-Post*, 20/11/1992.

- ⁴⁴ “Outubro deve ter o seu calendário”, *Jornal de Santa Catarina*, 15 e 16/11/1992.
- ⁴⁵ Entre inúmeras outras fontes por exemplo em “Oktoberfest, idéia que deu certo”, *Diário Catarinense*, Suplemento especial, 13/10/1987
- ⁴⁶ Entre inúmeras outras fontes por exemplo em “Consumidos 150 l de chope”, *O Estado*, 11/10/1988.
- ⁴⁷ “Blumenau é uma festa”, *Revista Visão*, n. 42, São Paulo, 15/10/1986.
- ⁴⁸ Mario Bonatti: “Manutenção da cultura alemã é indispensável”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 13/10/1993.
- ⁴⁹ “Música alemã coça o pé”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 25 e 26./10/1998.
- ⁵⁰ Mario Bonatti: “Da Oktoberfest e da importância de se falar alemão”, *Revista de Divulgação Cultural* 15 (1992), p. 60 e ss.
- ⁵¹ Traduzido por Sylvia Lenz.
- ⁵² “O ideal seria músicas alemãs”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 22/10/1989.
- ⁵³ “Tocar o coração do público”, in: *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 22/10/1989.
- ⁵⁴ “Bola Preta”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 18/10/1990.
- ⁵⁵ Conceitos da teoria da festa de DEILE, 2004, p. 10, traduzidos por Sylvia Lenz.
- ⁵⁶ “Högl dá seu recado”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 22/10/1989.
- ⁵⁷ “A Oktoberfest invade bairros e...”, *Jornal de Santa Catarina*, 20/09/2001.
- ⁵⁸ “Um carnaval movido a cerveja”, *Veja SC*, outubro de 1991.
- ⁵⁹ “Na sétima festa”, *Jornal de Santa Catarina*, 21/09/2001.
- ⁶⁰ “Só no alemãozinho, vai!”, *Jornal de Santa Catarina, Oktober Festzeitung/Oktoberfestzeitung/Oktoberzeitung*, 15/10/2001.
- ⁶¹ “Danceteria vai embalar os dias de agito da Oktober”, *JSC*, 23 e 24/08/1998.
- ⁶² “Festa para todas as idades”, *Jornal de Santa Catarina*, 02/10/2009.
- ⁶³ “Música eletrônica no Pavilhão 3”, *Informativo da Oktoberfest 2009*, Ano 1, nr. 1, Maio/Junho.
- ⁶⁴ “Oktober (2)”, *JSC*, 21/09/2006.
- ⁶⁵ “Oktober (1)”, *JSC*, 21/09/2006.
- ⁶⁶ Entrevista com Dieter Berner, concedida à autora, 19/11/2009, Blumenau; traduzido por Sylvia Lenz.

Referências

- BERNER, Dieter. Retrospectiva histórica. In: *BLUMENAUER VOLKSTANZGRUPPE*. (Org.). Blumenauer Volkstanzgruppe. 20 Anos. 1984-2004. Blumenau: Centro Cultural 25 de Julho, 2004. p. 4-9.
- COSTA, Sérgio. Nationbildung. Geschichte und Gegenwart. In: COSTA, Sérgio, et al. (Orgs.). *Brasilien heute*. Geographischer Raum, Politik, Wirtschaft, Kultur. Frankfurt am Main: Vervuert, 2010. p. 159-172.
- DEILE, Lars. Feste - eine Definition. In: MAURER, Michael. (Org.). *Das Fest*. Beiträge zu seiner Theorie und Systematik. Köln: Böhlau, 2004, p. 1-17.
- FERRARI, Celso Leme. *Oktoberfest de Blumenau: negócios e oportunidades*. Brasília: SEBRAE, 1998.
- FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira no Vale do Itajaí. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri. (Orgs.). *Visões do Vale*. Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Ed. Nova Letra, 2000. p. 71-90.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos, et al. *Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: Identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (Orgs.). *Visões do Vale*. Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Ed. Nova Letra, 2000. p. 185-205.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.
- KIEFER, Sabine. Os grupos folclóricos de Blumenau/Die Volkstanzgruppen in Blumenau. *Jornal de Santa Catarina*. 180 anos da imigração alemã. *Manifestações Culturais*, 2004, p. 2-4.

- LANDWEHR, Achim. *Historische Diskursanalyse*. Frankfurt/Main: Campus-Verlag, 2009.
- MAILER, Valéria. As bandinhas do Vale do Itajaí / Die Kapellen im Itajaí-Tal. *Jornal de Santa Catarina*. 180 anos da imigração alemã. Manifestações Culturais, 2004, p. 11.
- MAURER, Michael. Prolegomena zu einer Theorie des Festes. In: *Das Fest. Beiträge zu seiner Theorie und Systematik*. Köln: Böhlau, 2004. p. 19-54.
- PETRY, Sueli. *Os clubes de caça e tiro na região de Blumenau: 1859-1981*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.
- _____. A presença europeia na dança em Santa Catarina. *Revista do 6º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau*, 2004, p. 7-11.
- RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da Universidade Luterana do Brasil, 1994. p. 43-53.
- SASSE, Marita Deeke. Oktoberfest: uma análise. FURB: *Revista de Divulgação Cultural*, 10, 1987, p. 45-55.
- SEYFERTH, Giralda. A singularidade germânica e o nacionalismo brasileiro: ambigüidade e alotropia na idéia de nação. In: BASTOS, Cristiana, et al. (Orgs.). *Trânsitos coloniais*. Diálogos críticos luso-brasileiros. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007. p. 269-311.
- _____. Deutsche Einwanderung nach Brasilien. In: COSTA, Sérgio, et al. (Orgs.). *Brasilien heute*. Geographischer Raum, Politik, Wirtschaft, Kultur. Frankfurt am Main: Vervuert, 2010. p. 739-756.
- WAHLE, Carl. Povoamento da colônia de Blumenau. In: KRIEGER, Alda (Org.). *Centenário de Blumenau, 1850-2 de Setembro-1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 129-137.
- WEINERT, Jörg. Heimatfeste in Sachsen-Anhalt – Tradition und Wandel. In: FIKENTSCHER, Rüdiger (Org.). *Fest- und Feiertagskulturen in Europa*. Halle (Saale): Mitteldeutscher Verlag, 2007. p. 102-109.
- ZIEL, Stefan. Trajes folclóricos alemães no Brasil/Deutsche Volkstrachten in Brasilien. *Jornal de Santa Catarina*. 180 anos da imigração alemã. Manifestações Culturais, 2004, p. 7-8.
- ZIMMER, Roseli. *Pomerode: manifestações de germanidade em uma festa teuto-brasileira*. Santa Maria-RS: Gráfica Pallotti, 2002.